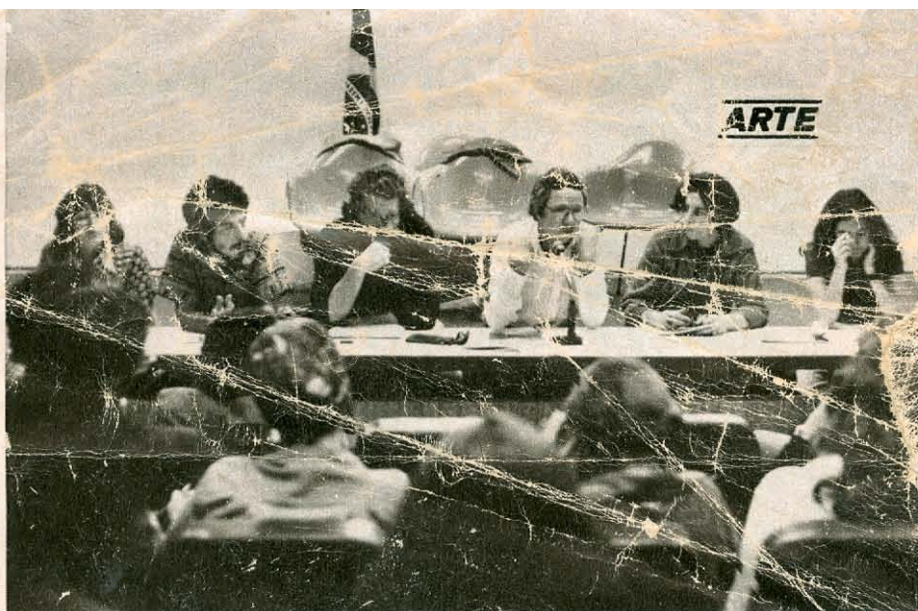

Nota:

Recorte da Revista Veja

Matéria publicada na edição de 19 de Novembro de 1975

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto



O X Salão de Arte Contemporânea de Campinas: três dias de debates*

Vez da palavra

Enfim, um salão sem quadros. Ou quase isso. Ao se realizar pela décima vez, na semana passada, o Salão de Arte Contemporânea de Campinas (SP) apresentava essa radical inovação. Convidados pelo museu local (pertencente à Prefeitura, que patrocina o certame), três críticos de arte tiveram total liberdade para propor o projeto de salão que lhes parecesse o mais indicado para o momento atual. E, reunidos em meados de julho passado, Aracy Amaral, Aline Figueiredo e Frederico Moraes acabaram optando pela palavra. Isto é: em vez do costumeiro sistema de artistas enviando quadros, submetendo-se a júris, disputando prêmios e assim por diante, os três críticos resolveram transformar o salão num grande debate ilustrado. Com a verba disponível de 100 000 cruzeiros, convidaram doze artistas brasileiros "de obra amadurecida, e não simples cometas", segundo Aracy, para passarem três dias em Campinas. Encomendaram-lhes também uma coleção de quarenta slides de diversas etapas de sua produção e depoimentos gravados em fita, que passaram a pertencer ao acervo do museu. Finalmente, para não eliminar de todo a obra de arte (motivo fundamental de tanto esforço), fizeram expor um trabalho atual de cada artista, obtendo assim uma espécie de pequena coletiva.

Grupos de quatro -- Naturalmente, as estruturas convencionais de um salão não se encontravam aparelhadas para a

idéia. "Tanto que o meu maior problema", conta Dione Tibiriçá, do conselho do museu e principal executiva do salão, "foi conseguir os doze projetos de slides." A sala de exposições foi inteligentemente adaptada para as circunstâncias. Em toda sua volta criaram-se pequenos estandes, um para cada artista, onde foi colocada sua obra e eram projetados seus slides. No centro, ficaram as cadeiras para os debatedores e a platéia. E, divididos em três grupos de quatro (um para cada noite do encontro), os artistas discutiram em público suas próprias obras, as dos colegas, os problemas de cada um e certos problemas teóricos e práticos de todos eles.

Tanto quanto as estruturas, conteúdo, também os debatedores não se achavam necessariamente aparelhados para essa nova situação. Não se pode exigir de um pintor o mesmo domínio da palavra que ele possui quando se trata de um pincel. Assim, na primeira noite, as discussões acabaram se perdendo em radicais posições pró ou contra uma "arte brasileira", sem que se chegasse a nenhuma conclusão. Nas noites seguintes, modificou-se o sistema. Cada artista falou durante a projeção de seus slides, numa espécie de auto-análise, e respondeu depois às perguntas da platéia.

No caso dos mais verbais, como Nelson Leirner e Antônio Henrique Amaral, a fórmula obteve amplo sucesso. Outros, como a excelente pintora nipo-brasileira Tomie Ohtake, tropeçaram na barreira do próprio idioma. Outros ainda, como o escultor Amílcar de Castro, revelaram sua muito mineira discrição, conservando-se num quase mutismo. E outros, enfim, acabaram surpreendentemente por falar com clareza de si próprios, superando sua conhecida timidez. Foi o caso do escultor Franz Weismann, e sobretudo da pintora Maria Leontina, cujo comovido depoimento serviu, sem dúvida, para enriquecer a compreensão de sua lírica pintura.

* Da esquerda para a direita: Aracy Amaral, Humberto Espíndola, Nelson Leirner, Frederico Moraes, Maria Leontina e Aline Figueiredo. Foram ainda convidados os artistas Amílcar de Castro, Antônio Henrique Amaral, Franz Weismann, João Câmara Filho, Mário Bueno, Mira Schendel, Rubem Valentim, Sérgio Camargo e Tomie Ohtake.